

A PRÁXIS COMO CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE ANTIRRACISTA: REFLEXÕES A PARTIR DE PROFESSORAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAROLINA BARCELOS DUARTE¹; GEORGINA HELENA LIMA NUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas – duarte.carolinapelrs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – geohelena@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado diz respeito à pesquisa de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas que se encontra em fase final. O tema de pesquisa se dirige à docência de mulheres negras da Educação Infantil do Município de Pelotas (RS). Para o desenvolvimento do estudo, construímos o seguinte problema: Como as professoras negras percebem seu fazer pedagógico perante as questões étnico-raciais? Os objetivos foram divididos em geral e específicos respectivamente ~~são~~ ~~eles~~: Compreender como as professoras negras percebem seu fazer pedagógico na Educação Infantil perante as questões étnico-raciais (geral) e analisar como a identidade étnico-racial das professoras negras influencia as decisões pedagógicas frente ao racismo; relacionar se as experiências políticas, acadêmicas e cotidianas constituem repertório para o fazer docente das professoras negras e reconhecer qual a concepção que as professoras negras têm do fazer pedagógico na Educação Infantil em relação às questões étnico-raciais (específicos).

A prática das professoras negras e sua exposição nos espaços escolares, sala de aula, corredores da escola, é uma forma de ressignificação deste ambiente que se modifica mediante o corpo feminino e negro em outro patamar, ou seja, na condição de produtoras intelectuais, agentes condutoras do saber (GOMES, 1995; COLLINS, 2019; hooks, 2019). O educar e o cuidar de crianças de zero a seis anos, em plena fase de desenvolvimento (CAVALLEIRO, 2000), configura-se como ideal para que essas crianças sejam levadas a refletir e modificar as desigualdades sociais e, principalmente, raciais, que se instauram na sociedade.

O objetivo é que esse fazer leve para uma consciência libertadora para isso deve se dar através da *práxis*, um processo contínuo e simultâneo de ação e reflexão. Esta *práxis* é definida por dois autores e uma autora com diferentes nomenclaturas, conforme o momento histórico o qual ela é requerida: Fanon (2008) chamou de *práxis revolucionária*, Freire (2018), de *práxis autêntica* e hooks (2019) *práxis significativa*.

A efetivação da *práxis* seja ela revolucionária, autêntica ou significativa no fazer pedagógico que opta pela mudança depende da construção e despertar em processo da consciência política das professoras negras que leve ao caminho de renunciar práticas tradicionais de educação que ao ignorar o reconhecimento do racismo e discriminação, igualmente, reforçam os mesmos

2. METODOLOGIA

O presente estudo tem como abordagem a pesquisa qualitativa que se preocupa com o “[...] aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). Esse tipo de abordagem deixa de lado o interesse em resultados numéricos, colocando o interesse no porquê dos acontecimentos. Quanto aos procedimentos, trata-se de um estudo de caso, que, de acordo com Gil (2002, p. 54), “[...] consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, seis professoras negras foram selecionadas por fazerem parte das escolas do Município de Pelotas com maior número de professoras negras atuantes. Com elas foram realizadas entrevistas semiestruturadas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009) que ocorreram de maneira on-line devido ao cenário atual que enfrentamos de uma pandemia mundial do COVID-19. Utilizamos as ferramentas como Google Meet, Facebook e WhatsApp para a concretização do diálogo.

Os dados foram analisados de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), porque esta permite ao analista, por meio do trabalho com a palavra, a dedução, de maneira lógica, do conhecimento sobre o emissor e/ou o seu meio. Com a intenção de manter o anonimato das entrevistadas acordado previamente, elas foram identificadas pelas iniciais de seus nomes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que a educação transgressora (hooks, 2019) se efetive nos espaços escolares, é necessário que se construa ou se desperte para uma tomada de consciência; essa não deve estar apenas na mente, mas nas atitudes (FREIRE, 2018). Se tratando de uma educação antirracista quem, melhor do que os/as oprimidos/as, neste caso as professoras negras, se encontrará mais preparado/a para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Essas que vivem na pele não só o racismo, mas também as questões de gênero e classe. Diferentes espaços de socialização durante a vida dessas docentes são/foram lugares de aprendizado e formação para sua atuação na escola com foco na Educação para as Relações Étnico-Raciais e efetivação de uma pedagogia antirracista.

Com o passar do tempo professoras negras percebem através do conjunto de suas experiências, momentos importantes na criação de resistência e enfrentamento ao racismo. Essas que se constroem tanto no seio familiar como em espaços acadêmicos e profissionais, começam com as palavras de incentivo, como no caso da professora S.R.F. que exalta as palavras do pai dirigidas à ela durante a infância: *“Ele dizia assim: Tens que estudar é a única maneira é a herança que eu tenho que te deixar! Então ele dizia que eu tinha que estudar que o conhecimento ia me liberta”*. Como também nos espaços de formação acadêmica que de acordo com as entrevistadas proporcionou o conhecimento e entendimento do fazer antirracista: *“Vejo que a Faculdade de Educação, a FAE, me deu muitos argumentos pra eu conseguir lutar. Me mostrou como posso, enquanto professora negra, mesmo que seja dos pequenininhos, fazer a diferença”* (T.R.P.F.).

Outro espaço a dar ênfase é o profissional, quando já atuantes na educação as motivações continuam, ao lidar com as crianças o processo de aprendizado acontece, à união da prática com a teoria e situações que exigem o seu

discernimento tanto para resolver problemas de preconceito racial, como para valorizar as diferentes histórias e culturas. Temos como exemplo as palavras da professora S.M.F.F.G. “*Então, trabalho na escola, não lembro que ano foi, mas essa questão de elas saberem que têm uma história na nossa etnia, o nosso valor para as crianças se identificarem [...]*”.

Em todas essas etapas as professoras negras estão construindo sua consciência política, para a efetivação de uma *práxis*, vinculada a uma educação transgressora, esse processo faz parte de suas ações que não está dado como algo acabado (FREIRE, 2018; hooks, 2019). Com suas reflexões e ao se descobrirem, “[...] hospedeiras do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora” (FREIRE, 2018, p. 43).

4. CONCLUSÕES

A *práxis* efetiva na atuação de professoras negras, no espaço da Educação Infantil, pode ser potente para uma educação antirracista, pois a partir de suas experiências familiares, políticas e acadêmicas, refletem sobre o seu lugar e papel na sociedade, revivem todo momento da sua formação e formação continuada situações por vezes preconceituosas e excludentes e outras de resistências e ressignificações.

Refletir e construir consciências políticas (FREIRE, 2018; hooks, 2019), se constituem parte do seu fazer pedagógico como pressuposto de uma nova forma de educação, uma educação Transgressora. O que se torna possível, em tal processo, de desalienação/conscientização (FANON, 2008), que com as professoras entrevistadas se consolida a partir das experiências, tanto negativas como positivas sendo que estas passam a se configurar como repertório e incentivo para um fazer pedagógico, atrelado ao compromisso para com a Educação das Relações Étnico-Raciais, para um efetivo exercício de *práxis*, por isso, de efetiva mudança social.

5. REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.